

## POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO NA LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Tatiana do Nascimento Teixeira<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa aborda as potencialidades da literatura indígena contemporânea para a educação voltada a diversidade sociocultural e a educação ambiental. Para tanto, buscou-se realizar uma revisão bibliográfica das publicações acadêmicas sobre a temática e a análise de obras literárias de autores indígenas. A abordagem teórica utilizada foi a decolonialidade, a partir dos conceitos de modernidade e colonialidade, conforme pensados por Quijano (2009). Percebeu-se que a literatura indígena tem entre seus objetivos visibilizar os povos indígenas através da divulgação de suas narrativas e cosmovisões, educando a sociedade através de um movimento de contar uma “outra História”. Além disso, tal literatura parte das epistemologias indígenas, que colocam o ser humano integrado a natureza, diferentemente do paradigma desenvolvimentista moderno, causador a atual crise ambiental. Nesse sentido, a literatura indígena mostra-se como importante referência para uma educação ambiental crítica e decolonial.

**Palavras-Chaves:** Literatura indígena; Educação ambiental; Decolonialidade.

### INTRODUÇÃO

A literatura indígena brasileira contemporânea é um movimento em expansão, que busca contestar a narrativa hegemônica de caráter eurocêntrico que criou a figura do “índio”, com todas as implicações advindas do termo, encobrindo a rica diversidade e pluralidade dos povos originários. Com vias a mudar esse cenário, escritores indígenas passaram a se apropriar da literatura como forma de expressão, para revelar à sociedade suas próprias narrativas, através de universo vocabular próprio.

O contexto de surgimento dessa literatura no Brasil, está relacionado a emergência do Movimento Indígena, em meados dos anos 1970, que possibilitou o aumento da visibilidade desses povos no cenário nacional. Entre as conquistas obtidas a partir dessa movimentação, destaca-se a lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena na educação básica. Desse modo, tal literatura se insere em um projeto mais amplo de emancipação das populações indígenas e visa a transformação da sociedade circundante.

Para alcançar este objetivo, a literatura indígena apresenta-se como um importante referencial para a educação, pois sustenta-se em epistemologias próprias aos povos originários e questiona as bases dos modos de ser e conhecer do Ocidente, que até então, ocupa um lugar central nos discursos acadêmicos e educacionais. Em vista disso, os estudos decoloniais

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. E-mail: Taty\_n\_teixeira@hotmail.com

apresentam-se como aporte teórico por seu caráter denunciativo da modernidade/colonialidade nas relações de poder e no fazer científico existentes no mundo colonizado, bem como, na sua continuidade, mesmo após o fim da colonização material externa (QUIJANO, 2009). Assim, o presente trabalho tem como objetivo evidenciar as possibilidades para a educação suscitadas pela literatura indígena, tendo como objetivos específicos contextualizar historicamente o movimento literário indígena e perceber as contribuições trazidas por esse movimento para uma educação voltada à valorização da diversidade sociocultural e a educação ambiental.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa tem caráter bibliográfico-teórico e foi organizada em dois momentos. Primeiramente, a fim de contextualizar historicamente a literatura indígena e compreender sua atual situação editorial, foi realizada uma revisão bibliográfica das produções acadêmicas a respeito da temática, com enfoque naquelas que propunham: analisar as características comuns a essa literatura, seu surgimento e consolidação enquanto movimento, sua presença no mercado editorial e as possíveis relações com a educação. No segundo momento, buscou-se analisar as obras de alguns autores indígenas, entre os quais Kaká Werá Jacupé, Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Ailton Krenak e Davi Kopenawa. As obras de literatura indígena foram analisadas a partir das seguintes chaves de leitura: principais temáticas abordadas, críticas realizadas, perspectivas socioambientais. A partir dessa abordagem, buscou-se apontar sugestões de articulação com a educação numa perspectiva crítica e decolonial.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No Brasil, a literatura indígena contemporânea surge de forma correlata à emergência do Movimento Indígena, que ganhou fôlego em meados da década de 1970. Danner, Dorrico e Danner (2018), apontam que o contexto histórico do final do século XX, foi um momento singular na história do Brasil, onde havia uma convergência de interesses de diversos setores da sociedade, que viam uma brecha para reivindicar direitos. Esse processo culminaria na redação da Constituição Federal de 1988, e, no caso dos povos indígenas, na escritura do Capítulo dos Índios, que obrigava o Estado Nacional a realizar a demarcação de terras (principal objetivo da atuação militante dos povos indígenas naquele momento).

Para Munduruku (2012), os primeiros líderes do movimento perceberam um “campo de possibilidades”, que tornava possível uma luta mais articulada em prol dos direitos coletivos, que interessavam aos indígenas de diversas regiões do Brasil. Nesse sentido, a apropriação, por estes, dos códigos impostos pela cultura hegemônica, foi fundamental na luta por seus interesses, a exemplo da terminologia “índio”, termo até então desprezado pelos povos indígenas, mas que naquele momento possibilitou um uso político, por aglutinar os objetivos semelhantes das diferentes etnias. A aquisição da escrita alfabética e o contato com a educação formal, resultantes do processo colonial, também foram instrumentalizados durante sua mobilização (MUNDURUKU, 2012).

Dessa forma, a literatura difundida a partir desse processo, conforme Danner, Dorrico e Danner (2018), caracteriza-se pela resistência e politização de sua causa, visando o enfrentamento do modelo de desenvolvimento socioeconômico, que teve por condição a marginalização e invisibilização dos Povos da Floresta, considerados pré-modernos, associados ao passado e ao atraso, tendo sua imagem veiculada de forma caricata. Esse enfrentamento se dá através da publicização de seus pensamentos a partir de uma expressão que correlaciona aspectos coletivos e autoria individual. Dorrico (2018), sugere que pensar a literatura indígena requer o conhecimento das chaves de leitura próprias dessa forma de expressão, que, de modo individual e coletivo, remonta ao arcabouço antropológico e estético indígena, cuja literariedade se expressa não só por meio da escrita, mas através da oralidade, dos cantos, dos grafismos e dos mitos.

Dessa forma, entre as principais contribuições trazidas pelo Movimento Literário Indígena está a contraposição a uma lógica que os relegou à condição de “objeto” a partir de seu reconhecimento como sujeitos produtores de conhecimento. Buscando um fazer pedagógico decolonial, a literatura indígena permite a construção de uma outra História do Brasil, cuja narrativa da conquista e dos processos que se seguem sejam vistos pelos olhos dos povos colonizados. Escritores como Daniel Munduruku (2009; 2012) e Kaká Werá Jacupé (2020) contam suas versões da História com um viés crítico à narrativa do “descobrimento” e destacam a diversidade cultural dos povos indígenas, bem como a sua contemporaneidade.

A visibilidade às questões contemporâneas relativas aos povos indígenas é essencial para uma educação crítica que retire suas imagens da condição de “passado”. Narrativas

autobiográficas, como “Metade cara, metade máscara”, de Eliane Potiguara (2018) tem esse mesmo efeito, ao demonstrar a vigência da violência perpetrada contra os povos indígenas, assim como a sua resistência. Segundo Thiel (2012), a partir da literatura indígena, a escrita indígena faz nascer uma outra História, paralela àquela que celebra a colonização europeia. Se a perspectiva ocidental pensou os indígenas como “primitivos” ou “sem história”, suas contranarrativas constroem visões novas e distintas sobre esses povos, e ao fazê-lo, trazem à tona suas memórias ancestrais transferidas da cultura oral para a palavra escrita (THIEL, 2012).

No que tange à educação ambiental, as epistemologias indígenas possibilitam a reflexão sobre formas alternativas de se relacionar com o mundo, para além das lógicas de dominação características da modernidade. O pensamento do ativista e escritor indígena Ailton Krenak (2020) mostra-se especialmente interessante, no que concerne a pensar não somente as relações entre Humanidade e Natureza, mas o próprio significado dessas concepções. Em suas obras e palestras, Krenak faz diversas provocações a respeito do modelo de sociedade no qual estamos inseridos, que tem como princípio e objetivo o desenvolvimento socioeconômico e como consequência direta a crise ambiental. Ao mesmo tempo que, em todo mundo, cientistas alertam para a necessidade de mudanças radicais no modo de vida dos seres humanos, Krenak procura responder tais questões acessando o pensamento ancestral indígena, que tem a ideia de “Mãe-Terra” como central e uma perspectiva que coloca o ser humano como parte indistinguível dela. No mesmo sentido, a monumental obra “A queda do céu”, resultado da parceria entre o antropólogo francês Bruce Albert e o xamã Yanomami Davi Kopenawa, apresenta uma concepção diferenciada da ecologia, quando afirma que “Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os *xapiri*, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol!” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 480). Essa perspectiva, comum a diversos povos amazônicos tem como aspecto chave a ideia de que diversos seres compõem humanidades diferenciadas, que veem o mundo a partir de seus pontos de vista. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2004) utiliza o conceito de “perspectivismo ameríndio” para se referir a essa cosmovisão.

Assim, no que se refere especificamente a educação ambiental, a literatura indígena é um importante referencial a se considerar. De acordo com Carneiro e Dickmann (2021), a concepção crítica da educação ambiental ainda é incipiente nas escolas, estando muito restrita

a visão genérica de conservação. Desse modo, é necessário construir uma visão que problematize as relações do ser humano com o ambiente, em especial em relação aos padrões de produção e consumo. Desse modo, a literatura indígena é o aporte necessário para uma educação ambiental crítica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da literatura indígena e da compreensão do movimento como parte das lutas históricas dessas populações, algumas proposições podem ser lançadas com vias a alcançar uma prática pedagógica decolonial. A decolonialidade foi colocada como aporte conceitual devido a sua crítica à modernidade/colonialidade, que legitimou discursos e processos que relegaram os povos indígenas a posições marginalizadas dentro da sociedade dominante. Entre as questões propostas por esta literatura, está o questionamento aos estereótipos atribuídos aos povos indígenas pelo discurso ocidental. Através de suas narrativas, conta-se uma “outra História” narrada pelos sujeitos deixados à margem do discurso oficial.

Com relação à educação ambiental, a literatura indígena propõe um pensamento ecológico que considere as cicatrizes deixadas pela colonização e ao mesmo tempo respeite os limites do ecossistema Terra. Nesse sentido, mostra-se como referência essencial para uma educação ambiental alternativa ao paradigma desenvolvimentista característico da modernidade. Em suma, a literatura indígena traz consigo possibilidades educativas diversas, e é necessário que seja considerada na prática docente, objetivando uma educação crítica e consciente e o reconhecimento da pluralidade de culturas e pensamentos.

## REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato; DICKMANN, Ivo. **Educação ambiental freiriana**. Chapecó: Livrologia, 2021.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 18, p. 225-254, set. 2004.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. Indígenas em movimento. Literatura como ativismo. **Remate de Males**, Campinas, v. 38, n. 2, p. 919-959, jul./dez. 2018.

DORRICO, Julie. A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea. **Revista Igarapé**, Porto Velho, v. 5, ed. 2, p. 107-137, 2018.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um Índio**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira**. São Paulo: Global, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas: 2012.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 2ª ed. São Paulo: Uk'a Editorial, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009. p. 73-117.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.